

MADELINE MARTIN

BESTSELLER DO *USA TODAY*

A SOCIEDADE SECRETA



DOS LIVROS

Finalista dos Goodreads Choice Awards

MELHOR ROMANCE
HISTÓRICO



*Para a comunidade dos livros, uma rede de imensa força,
onde os leitores podem ler o que apreciam sem nunca se
sentirem incompreendidos ou julgados.*

PRÓLOGO

Lady Duxbury

Londres, Inglaterra

Junho de 1895

Clara Chambers, Condessa de Duxbury, entrou na sua sala de visitas e avaliou o miúdo de rua que exigira ser recebido de imediato. O bater do sapato coçado sobre o fofo tapete belga verde e dourado era prova da sua urgência. As bochechas do rapaz estavam encovadas e notavam-se as depressões esqueléticas sob as clavículas, mas o rosto e as mãos apresentavam-se limpos e a boina parecia nova.

— Minha senhora, a sua amiga foi levada. — Quando abriu a boca para falar mostrou que lhe faltava um dente da frente, o qual, tendo em conta a sua idade, provavelmente não voltaria a nascer. Estendeu as mãos, e o olhar dela incidiu no objeto que ele lhe oferecia.

Ao aperceber-se do que era, a condessa ficou sem ar: uma bota de pelica preta com rosas minuciosamente bordadas junto aos atacadores.

Conhecia aquela bota. E sabia quem a usava.

— Levada para onde? — quis saber Lady Duxbury.

— Para o Hospício Leavenhall. — O rapaz sacudiu o cabelo da frente dos olhos com um abanão da cabeça, revelando uns olhos castanhos sérios. — Ela gritou à passagem da carruagem, pedindo-me que a avisasse que estava a ser levada para lá, e deu-me

o número da sua casa. Atirou-me esta bota pela janela, para que a senhora soubesse que eu dizia a verdade.

Lady Duxbury foi tomado pelo pânico.

O hospício.

Era culpa sua.

Correra tudo mal.

O que começara com intenções inocentes fora manipulado para se transformar em algo grotesco. Em algo perigoso.

Inspirou fundo, recompondo-se, e pegou na bota, sentindo-a leve, apesar do peso que sentia sobre os ombros.

— Vai ajudá-la? — O rapaz franziu o sobrolho. — Conheço-a. Não lhe vi a cara, mas reconheceria a bota em qualquer lado. — O tom dele era brando, carregado com um pesar que cingiu ainda mais o aperto no peito de Lady Duxbury.

Poderia ela ajudar?

Sentiu a pulsação a retumbar nos ouvidos e o estômago tomado por um incômodo ao qual jurara nunca mais voltar a sucumbir. Medo.

Ao fim de todo aquele tempo, achava que era mais forte.

— Farei o que for possível — respondeu Lady Duxbury com uma confiança que desejou realmente possuir.

Afinal de contas, ela era responsável. Não somente pela mulher agora levada, mas também por outras. Mulheres que foram reprimidas, que foram encurraladas, largadas ao seu destino por aqueles que amavam. Todas elas estavam em risco, expostas de formas que poderiam vir a ser a sua desgraça.

Lady Duxbury oferecera refúgio às mulheres, oportunidades de que ela própria nunca dispusera, e falhara para com elas. Esse fracasso reabria agora uma teia de antigas e profundas cicatrizes dentro dela.

Fez um sinal com a cabeça ao mordomo.

— Davies, dê uma boa gorjeta ao rapaz a troco desta mensagem importante. É muito possível que ele tenha salvado a vida de uma mulher.

— Espero que tenha razão, minha senhora. — O fino peito do rapaz enfunou graças ao elogio. Sem dúvida que necessitava de elogios tanto como de comida.

— E dê-lhe também um pedaço de pão e de queijo — acrescentou Lady Duxbury, não querendo que ele partisse de barriga vazia. Naqueles dias, havia muitas crianças a passar fome em Londres. — E mais para que leve com ele.

A boca de Davies contraiu-se numa linha rígida, o único sinal de protesto na postura do homem de meia-idade ao destrancar a pequena gaveta onde guardavam moedas para esse efeito. Mas isso era por ele ser diligente nos seus esforços para a proteger. As moedas tilintaram na mão do rapaz.

Depois de tantos anos penosos, ela acreditava que controlava a sua vida. Isolada das ameaças que em tempos a acossaram, rodeada apenas por gente em quem confiava, escudada por Davies e pelo respeito e riqueza face à sua posição na Sociedade.

Tola.

Fora uma tola.

E agora seria outra pessoa a pagar por isso.

— Obrigado por ajudá-la. — O rapaz, respeitoso, segurava a boina junto ao peito. — É a única pessoa que alguma vez viu o que há de bom em mim.

Lady Duxbury sentiu um aperto a formar-se ao fundo da garganta, um nó malévolo e teimoso que lhe dificultou a respiração, e ainda mais a fala. Assentiu em silêncio com um leve sorriso reconfortante que foi menos firme do que desejava.

Davies levou o rapaz da sala de visitas, deixando Lady Duxbury momentaneamente a sós.

Observou a bota que tinha na mão. Lama incrustada de um lado, enquanto o outro se mantinha imaculado como no primeiro dia em que a vira. Os seus dedos deambularam até à macia tampa de cristal do broche que usava precisamente sobre o coração, onde uma madeixa de cabelo escuro formava um padrão entrecruzado.

Uma fonte de força. Um lembrete do que em tempos tivera. Não passava um dia em que não sentisse a falta dele, em que não recordasse a promessa que lhe fizera.

A passada firme dos pés de Davies no tapete grosso anunciou o seu regresso.

Lady Duxbury escreveu rapidamente dois bilhetes.

— Mande enviar isto de imediato às outras.

Antes de ele conseguir partir, o olhar dela detetou um novo arranjo de flores sobre a mesa junto ao livro de ervas que no passado tanto a ajudara.

— Espere... De onde veio isto?

— Veio com um cartão, minha senhora. — Davies fez uma vénia e partiu para ir tratar do pedido, consciente da sua importância.

Lady Duxbury, de novo a sós, abeirou-se das flores. A combinação de rebentos era uma seleção curiosa que ela nunca teria encomendado. A dedaleira cerosa em forma de sino pejada de segredos, a promessa de pesar dos bem-me-quer azuis, as violentas trombetas rubras das petúncias e um molho de begónias de um tom cor de rosa vívido e ameaçador. Um alerta murmurou em tons graves no fundo da mente de Lady Duxbury.

Quem reuniria tal ramo de flores?

Delicadamente, pousou a bota sobre a mesa ao lado da grande jarra e arrancou o bilhete de entre o verdejante ninho de caules. Fora impresso em letras apuradas na parte de trás do cartão um único nome e Lady Duxbury sentiu os músculos do pescoço a retesar.

A mulher não tinha já feito mal suficiente?

E quanto sabia ela ainda que pudesse representar a ruína de Lady Duxbury?

Sentiu uma tontura, desfocando os dourados e os verdes da sua sala de visitas numa paleta enjoativa. Debruçou-se sobre a mesa, inspirando cautelosamente golfadas de ar, para se restabelecer. Mas como poderia ela voltar a endireitar as coisas, com tanto a correr

tão mal, agora que percebia que a sua força não passava de uma fachada?

Voltou a focar a divisão, aquele *bouquet* horrível, uma ameaça em cada flor. Olhou rapidamente em redor para assegurar que ninguém testemunhara o seu momento de fraqueza.

O seu olhar incidiu uma vez mais sobre a bota, detetando uma tira de papel a sair do interior da língua e na qual não tinha reparado. Beliscando a ponta, puxou delicadamente o bilhete e desdobrou-o.

Expirou com pesar ao reconhecer de imediato o papel de carta decorado com um padrão xadrez de urze e a sua própria caligrafia. A missiva era uma que enviara em segredo às senhoras dois meses antes. Na altura, não lhe passara pela cabeça que o seu esforço por ajudar poderia originar o efeito contrário.

Mesmo dizendo a si própria para não o fazer, os seus olhos percorreram as linhas da carta, lendo as palavras que pusera em papel no início de tudo.

Cordialmente, convidamo-la para a Sociedade Secreta dos Livros...

CAPÍTULO UM

Sra. Eleanor Clarke

Dois meses antes
Londres, Inglaterra

Abril de 1895

Eleanor Clarke espreitou pela janela circundada por heras. Nuvens cinzentas acumulavam-se no horizonte. O vidro ligeiramente embaciado deixava adivinhar um dia frio apesar do calor que se fazia sentir no quarto de Eleanor. Havia aquecimento em todas as divisões do enorme solar, uma das muitas extravagâncias em que o marido dela insistira.

Virou costas à janela e baixou-se sobre o banquinho, dobrando os joelhos com as costas muito direitas para acomodar o pesado espartilho altamente rígido.

— A cor do vestido realça-lhe os olhos. — A criada de Eleanor sorriu-lhe no reflexo do espelho enquanto lhe arranjava o cabelo com a escova de cabo de prata, criando um penteado elegante.

— Obrigada, Bennett! — Eleanor mal olhou para o espelho para confirmar que o azul-claro realmente realçava o azul-celeste dos seus olhos. Escolhera a cor em função do estado de espírito e não para fazer conjunto.

A má disposição do marido na noite anterior deixara-a inquieta. Retesara-se a cada batida e rangido na casa, com os nervos tão em franja como os delicados filamentos de carbono das lâmpadas espalhadas pela opulenta residência londrina. A seda azul-clara e cremosa acalmou-a, recordando a extensão cristalina

de céu da propriedade dos pais em Sussex. Nos seus dias de juventude, quando levava uma vida despreocupada e agradável.

Uma cor que, ultimamente, dera por si a usar cada vez mais.

O tom sólido do seu vestido era interrompido pelo saíote visível com listas verticais de tons homogêneos. Havia conforto na rigidez daqueles traços grossos, na força inabalável da estrutura deles.

— As safiras vão combinar muito bem, minha senhora. — Bennett mostrou-lhe o estojo de joias de tampa articulada, revelando as caras pedras azuis a cintilar num leito de seda bege.

Eram ostensivas, um exibicionismo gratuito pago por um homem rico a tentar compensar o seu novo-riquismo. Eleanor também fazia parte desse exibicionismo gratuito, uma mulher de origem nobre à altura do estatuto de mercador dele, adquirida tão seguramente como aquelas joias.

Facilmente obtida, sem dúvida, quando Cecil detetou o odor do desespero financeiro dos pais dela. Impostos em atraso na casa citadina de Londres, imensas contas há demasiado tempo por pagar, reparações na propriedade de verão que ela sempre adorara — deixaram-nos de mãos atadas, agrilhoando-a a este destino.

Ela assentiu com a cabeça a Bennett através do espelho e sentiu o incómodo do colar a assentar sobre a gola alta cingida do seu vestido de dia. Seguiram-se os brincos, presos aos lóbulos onde balançaram sob o peso da fortuna de Cecil.

Abriu a gaveta do meio e pegou num frasco de creme das mãos, pois ficava com a pele constantemente retesada e seca após os meses de inverno. Ao lado do pequeno frasco encontrava-se um misterioso bilhete dobrado com o nome dela escrito numa caligrafia elegante.

— Bennett, o que...?

Bennett levou o dedo aos lábios e piscou o olho. Eleanor sentiu a pulsação a intensificar-se na seda justa e elástica das suas mangas compridas.

Um segredo?

Ela nunca tivera segredos. Toda a sua existência sempre fora altamente escrutinada, todas as suas palavras e atos avaliados e medidos pelo marido para serem considerados dignos ou indignos. Na maior parte das vezes, ele ia pela segunda hipótese.

Não lhe era permitido ter segredos.

Ergueu e curvou os ombros para a frente para se proteger, apesar de se encontrar na privacidade do seu quarto. O tecido rígido e o corte perfeito do vestido não lhe permitiam grandes movimentos, mas ainda conseguiu forçá-lo para se curvar sobre o bilhete.

Tinha um selo a reluzir sob um raio de sol ousado que se debatia com o dia cinzento, iluminando um rebento dourado de cenoura-brava gravado sobre a rígida cera verde. Eleanor enfiou o dedo sob o selo, arrancando, em vez de partir, o disco brilhante do pergaminho, para então ler a mensagem.

Cordialmente, convidamo-la para a Sociedade Secreta dos Livros.

Sra. Clarke, imploro-lhe que mantenha esta correspondência sob o mais estrito segredo. Recordo com frequência o nosso encontro de há três anos, não só com um carinho afetuosos pelos nossos interesses literários comuns, mas também pelas nossas circunstâncias. Alterações ocorridas na minha vida deixaram-me na posse de uma imensa biblioteca — romances escritos por mulheres, histórias com heroínas reais que não se deixam limitar pela obediência devida a pais e maridos, livros curados pelo meu esforço constante. Gostaria de partilhar esta coleção — esta liberdade para ler — consigo e várias das suas semelhantes, que têm sido meticulosamente selecionadas pela inteligência e reserva. Mais será explicado quando nos reunirmos na próxima quarta-feira.

A par deste bilhete privado receberá um convite formal para um chá, evento que o seu esposo com certeza achará bastante adequado. Espero que o aceite.

*Com toda a consideração,
Clara Chambers, Condessa de Duxbury*

A folha tremeu na mão de Eleanor.

— É uma sociedade secreta de livros — disse num sussurro.

Recordou o encontro referido pela condessa na missiva. Tinham estado presentes numa ação de caridade, destinada a chamar a atenção para a necessidade de habitação dos desprivilegiados, no dia em que a frequentemente frugal Sra. Colting levou discretamente consigo a toalha de mesa de linho azul-cobalto no final do evento.

— De repente, lembrei-me da Sra. Norris de *Mansfield Park*, com a cortina verde para a peça que nunca chegou a ter lugar — dissera Eleanor, sem saber o que a levava a falar. Talvez fosse apenas um pensamento, mas deixou escapar as palavras.

Lady Duxbury encontrava-se na altura ao lado dela e com a mão disfarçou educadamente uma risadinha.

— Pensei muito seriamente que a Sra. Colting fosse a Sra. Norris da vida real.

Manifestou-se de imediato a alegria partilhada de ter descoberto alguém que lera o mesmo livro, uma amiga cuja mente em tempos ocupara o mesmo mundo ficcional.

— Leu muitos dos livros de Jane Austen? — quis saber Lady Duxbury.

Além de *Mansfield Park*, havia apenas outros dois romances na biblioteca do pai de Eleanor — *O Retrato de Dorian Gray* e *O Monte dos Vendavais*. Oh, e como ela lera esses romances, sentindo-se ligada às personagens de uma forma que lhe atormentou a alma. Já não se encontrava na posse desses livros, com a sua

limitada liberdade de rapariga trocada pelos votos restringentes do casamento e da promessa de obediência ao marido.

— Eu não... Ou seja... — Eleanor foi poupada à atrapalhão devido à chegada de Lorde Duxbury. Apesar de ele apresentar um sorriso caloroso, o seu aperto cingido ao pulso da mulher foi tão visível quanto o rápido desviar do olhar da condessa para os pés, numa exibição de pura deferência.

Após esse encontro, Eleanor procurara Lady Duxbury com frequência, mas vira-a apenas ao longe, com Lorde Duxbury ao seu lado como uma sentinela atenta.

À parte esses escassos romances desencantados da biblioteca do pai, a educação de Eleanor fora relegada para as necessidades edificantes de gerir um lar e ser boa esposa e boa mãe. Isso e a ocasional literatura sobre conhecimento geral, como a *Goldsmith's History of England*. Muito em particular, conhecia bem o conteúdo de *Debrett's*, que facultava detalhes sobre todos os aristocratas de Inglaterra — primeiro, ao procurar um marido, depois para se ligar melhor aos pares de que Cecil necessitava no seu meio.

Nunca dispôs de liberdade para escolher os seus próprios livros. Nem sequer com os pais, sendo o pai um visconde abastado de reputação delicada devido a problemas financeiros, nem no seu casamento com Cecil.

— A criada da Lady Duxbury contou-me o que a condessa andava a tramar quando entregou o bilhete. — Bennett manteve um tom que pouco mais era do que um sussurro. As paredes tinham ouvidos, assim como olhos. — Talvez isto a ajude a aguentar até junho.

Junho.

Sim, junho.

A simples palavra de duas sílabas era um mantra para Eleanor, um lembrete do seu alívio iminente. Em junho o seu marido viajaria para o Peru, uma empreitada inestimável para ambos. Para Cecil, Peru representava riqueza, com a origem da sua riqueza

formada a partir de dejetos de aves estrangeiras usados para fertilizar solo inglês. Para ela, Peru facultava-lhe um leve aligeirar do confinamento que era a sua vida, podendo mover-se sem olhar constantemente por cima do ombro.

Essas semanas preciosas permitiam-lhe visitar o filho deles sempre que desejasse, sem adiamentos ou censura. Uma oferenda de dias em que não teria de andar em bicos de pés sujeita aos maus humores de Cecil, uma oportunidade para finalmente respirar nesta prisão sufocante.

Bennett via o que passava ao lado dos outros, as lágrimas que Eleanor guardava para quando se encontrava sozinha, as pisaduras escondidas sob as mangas justas. Sabia muito bem o que significava junho para a sua senhora.

Eleanor necessitava apenas de aguentar aquela vida até junho, altura em que a viagem de Cecil lhe ofereceria o alívio suficiente para a ajudar a aguentar os meses ou anos que viriam a seguir. Até ele voltar a partir.

Mais tarde na mesma manhã, ao pequeno-almoço, o correio aguardava numa bandeja. Eleanor sentiu-se elétrica, com vontade de sacudir a perna por baixo da mesa como uma criança irrequieta.

Só que as senhoras não fazem tal coisa e como tal bebericou o seu chá com paciência fingida enquanto permanecia vazio o lugar diante dela.

Porque estaria Cecil a demorar-se tanto?

Era como se soubesse de toda a ansiedade dela e procurasse mantê-la com os pés bem assentes na terra.

Espreitou para os envelopes, tremendamente tentada a enfiar os dedos na pesada pilha de papel creme, procurando o prometido convite de Lady Duxbury. Só que Cecil não apreciava que Eleanor mexesse na correspondência. Apreciava tanto a sua própria independência quanto cerceava a dela.

Como é evidente, ela nunca se queixaria de tais circunstâncias. Fazê-lo só levaria a que ele a cingisse mais, a espremesse mais, numa vida que já pouco espaço lhe dava para respirar.

Soou no piso de cima o rangido familiar dos passos de Cecil. Eleanor pousou a chávena de chá no pires pequeno de rebordo dourado para que não lhe tremesse nas mãos. Em breve desceria.

Uns minutos agonizantes mais tarde, entrou na sala, ocupando o espaço com o volume da sua presença e a intensidade da sua água-de-colónia, aplicada com grande exagero. Incidiu o olhar nela, assentando por momentos nas safiras na garganta e nas orelhas dela, após o que assentiu em aprovação. Não em relação a ela, nunca em relação a ela, mas pela exibição intencional da riqueza dele.

Sentou-se, agitando o orgulhoso arranjo de hortênsias azul-bebé. Os criados avançaram de imediato, assentando um guardanapo no colo dele e servindo uma forte chávena de chá. Santo Deus, como ele se demorou, lendo atentamente o jornal, bebericando o seu chá, trincando os cantos da tosta depois de a ter besuntado abundantemente com manteiga.

Finalmente, finalmente, *finalmente*, estendeu a mão para os envelopes na bandeja de prata. Passou-lhes os olhos em silêncio, detendo-se periodicamente para abrir um e apartá-lo.

— Este é para si, Sra. Clarke. — Soergueu as sobrancelhas ao fitar Eleanor. — E, nada mais, nada menos, vindo da Condessa de Duxbury. — Ergueu um pouco mais as sobrancelhas, claramente impressionado.

Em vez de lhe entregar o envelope, Cecil quebrou o selo dourado com um golpe violento e retirou o cartão com dedos toscos e descuidados.

— Ah, ela quer que a visite na quarta-feira para lanchar. — Endireitou-se na cadeira, como se o convite fosse dirigido a ele. — Como é evidente, terá de ir, e sugiro que use o seu novo colar de diamantes.

Eleanor retesou-se por completo face à ordem, mas disfarçou a expressão com agradável amabilidade.

— Querido, não será adequado usar diamantes.

Apesar da delicadeza com que a contestação foi feita, Cecil enrubesceu, e os seus olhos cintilaram com aquele brilho maldoso que gelava o sangue a Eleanor.

— É uma daquelas regras chiques que só a nobreza conhece, é isso? — resmoneou ele.

Efetivamente, era uma regra implícita, conhecida entre a Sociedade aristocrática. Os diamantes eram reservados para conjuntos a usar à noite. Já bastava que as muitas joias que ela usava durante o dia fossem encaradas como mau gosto. Mas Eleanor não o disse. Sabia que mais valia manter-se calada.

— Sou um homem demasiado grosseiro — arengou Cecil. — Demasiado vulgar para conhecer tais coisas, ao contrário da minha *estimada* esposa.

— Perdoe-me, meu querido, não era isso que queria dizer. — Eleanor olhou de relance para a criada. — Só não gostaria de me exhibir em casa da minha anfitriã quando a nossa riqueza ultrapassa em muito a já de si substancial fortuna dela.

Com o ego afagado o rubor abandonou as bochechas carnudas de Cecil e, deliciado como um miúdo mimado a quem foi dado um doce, recostou-se na cadeira.

— Ah, que astuto da sua parte, minha querida. Sim, sim, use o que lhe parecer adequado. Sei como dá valor à sua... — Traçou uma pirueta com a mão. — moda. — Largou uma risadinha condescendente.

Ela sabia que ele achava pateta o estilo de vestuário dela, mais uma característica banal da sua esposa insípida nobre de nascimento.

Um homem nunca seria capaz de compreender.

Especialmente, um homem como Cecil.

Ele controlava as pessoas com quem ela se dava, onde ia e o que fazia. Controlava a comida que ingeria, os eventos que organizava

e o correio que podia receber. Controlava todos os tostões que lhe entregava da sua ampla fortuna, apesar de ele próprio ser um esbanjador.

Até controlava a rara e preciosa hora em que ocasionalmente podia visitar o filho deles, supervisionando a visita e repreendendo-a duramente se achasse que apaparicava o rapaz.

Entre tudo o que Cecil controlava na vida dela, o tempo limitado com o filho era o que mais sofrimento lhe causava, uma dor que viajava dos braços vazios dela até às profundezas da alma.

Mas as roupas dela, a moda dela — nessas coisas ela mantinha a sua autonomia. Encomendava o vestuário que apreciava, decidia que vestidos de noite ou de dia vestia e que penteados e bolsas escolhia para combinar. Por muito que Cecil denegrisse aquele pequeno pedaço de liberdade, era só dela.

Junho.

Só precisava de aguentar aquela vida por mais dois meses. E com o acesso aos livros que tinham sido interditados a Eleanor, tal até poderia revelar-se suportável.

CAPÍTULO DOIS

Sra. Rose Wharton

Rose Wharton foi encaminhada para a sala de estar de Duxbury Place, uma bela moradia em banda três portas ao lado da sua na zona elegante de Grosvenor Square. Havia vasos de plantas adequadamente aglomerados pela sala, com as folhas a estenderem-se até às janelas, esforçando-se por alcançar a ténue luz.

O sol era das coisas de que Rose mais sentia falta da América, onde parecia brilhar com uma abundância sem fim. E apesar de Inglaterra ser adorável com a sua elegância de Velho Mundo, ansiava pelo banho brilhante de luz e calor.

Lady Duxbury levantou-se da sua grande poltrona verde-sálvia.

— Ah, Sra. Wharton, ainda bem que apareceu. Sente-se, por favor.

Rose sentou-se numa cadeira de veludo macio ao lado de um vaso de erva-besteira, com as pétalas carnudas a florir em tons de cor de vinho e de um branco leitoso. Pequenas aves pintadas embelezavam o papel de parede verde, com as suas penas traçadas meticulosamente, o azul e verde iridescente da amplitude das suas asas a captar a escassa luz.

Aceitar o convite de Lady Duxbury fora sem dúvida um erro, mais uma oportunidade para ser ostracizada num encontro social. Nessa matéria, Londres não era muito diferente de Manhattan, onde mesmo as mulheres que partilhavam a nacionalidade americana de Rose lhe viravam costas e se juntavam

a segredar venenosamente sobre o fedor do seu dinheiro de nova-rica.

Todavia, o sorriso da condessa não parecia conter malícia.

Parecia demasiado jovem para já ter perdido três maridos. Usava o viçoso cabelo preto retinto cuidadosamente apanhado no topo da cabeça, preso com travessas negras, e tinha pele macia e maçãs do rosto definidas. O lilás delicado do seu vestido revelava que ainda respeitava algum luto por Lorde Duxbury, que falecera há mais de dois anos.

Notava-se agora uma diferença no seu semblante, uma auto-confiança que não possuía quando Rose a vira pela primeira vez. Fora num baile, um dos primeiros a que Theodore a levava depois do casamento. Nenhuma das outras mulheres dirigira a palavra a Rose e ela fechara-se nos lavabos a ler um livro. Lady Duxbury entrou pouco depois, com os ombros esguios muito retesados.

— Pelos vistos, também está a precisar de um momento a sós.
— Rose mostrara-lhe um sorriso conspiratório.

Notara uma certa tristeza nos grandes olhos azul-violeta da condessa ao incidirem no livro que segurava.

— O que está a ler? — A voz da condessa soou carregada de anseio.

— *A Masque of Poets*. Integra a coleção dos sem nome, onde os autores mantêm o anonimato, para que a obra seja avaliada pelo seu verdadeiro mérito e não pela fama. — Rose fechou o livro e estendeu a mão para o entregar a Lady Duxbury.

A condessa lançou um olhar ansioso à porta antes de o aceitar, com o seu toque a revelar-se uma carícia reverente à capa preta e vermelha. Não passou despercebida a Rose a forma como Lorde Duxbury fitava a sua mulher com um ar protetor e predador. Alguns homens eram assim, controladores, limitadores.

— Fique com ele — ofereceu Rose.

Lady Duxbury retesara-se, franzindo as sobrancelhas.

— Não posso.

— Eu digo à minha criada para ir ter com a sua para lho entregar — disse Rose. — Eu depois compro outro.

O que não era verdade, evidentemente. O preço dos livros era proibitivo, e o dinheiro era necessário para bens e atividades mais valorizados: mármore, trabalhadores para aplicar o material caro e todas as outras coisas necessárias para transformar uma residência decrépita numa de estatura admirável.

Ainda assim, manteve o braço estendido, com um sorriso genuíno nos lábios.

Lady Duxbury aconchegou o livro no peito antes de abrir mão dele.

— Nunca esquecerei esta amabilidade, Sra. Wharton.

Rose endireitara um pouco as costas. Alguém de renome naquela Sociedade fria e hostil memorizara o seu nome. Tal consideração valera bem o custo do livro.

A condessa agora já não mostrava mansidão. Agora, havia apenas confiança, evidente na inclinação do queixo, nos ombros bem erguidos, na estatura da sua forte riqueza com um claro desdém pelos mexericos sussurrados nas suas costas.

E com três maridos mortos — dois deles jovens e viris nas suas mortes — o que não faltava era mexericos.

— Obrigada pelo convite — reagiu Rose, sempre bem consciente do seu sotaque americano. Havia quem o achasse encantador; outros achavam-no irritante. Desconhecia a opinião de Lady Duxbury, mas a sua expressão simpática manteve-se inalterada quando apontou para a outra mulher sentada na cadeira estofada da cor de relva viçosa.

— Calculo que já conheça a Sra. Clarke.

A Sra. Clarke.

É evidente que Rose a conhecia. O exemplo vivo da mulher inglesa perfeita. E não somente devido à sua beleza — apesar de ser realmente bela, com o rosto em forma de coração, o cabelo louro dourado preso no alto da cabeça como uma coroa e um

corpo esbelto num vestido de seda que lhe assentava como uma luva. Era a encarnação da elegância e da graciosidade.

Tinham sido apresentadas uns meses antes num piquenique. Enquanto Rose apresentava o aspeto de quem fora sacudida pelo vento como um peixe num mar revolto na maré baixa, a Sra. Clarke mantivera-se imaculada, afastando ocasionalmente com dedos graciosos quaisquer fios de cabelo soltos. Como se o gesto tivesse sido ensaiado até atingir a elegância perfeita.

A Sra. Clarke fazia sempre o que era suposto fazer, dizia o que era suposto dizer e era exatamente o que era suposto ser. Sem dúvida que o lápis-lazúli do seu vestido se destinava a realçar o brilho dos seus adoráveis e grandes olhos azuis.

Se Rose fosse como ela, ainda seria feliz com Theodore. A Sra. Clarke não fazia ideia da sorte que tinha.

— Já nos conhecemos. — O sorriso da Sra. Clarke não era amplo demais para parecer excessivamente ansioso, nem contido demais para parecer hostil.

O sorriso perfeito na mulher inglesa perfeita.

— É um prazer voltar a vê-la — respondeu cordialmente Rose. — Adoro o seu colar.

A Sra. Clarke tocou no fio de safiras grandes ao pescoço, como se alguém se pudesse ter esquecido de estar a usar uma peça tão cara.

— Obrigada. Penso que é capaz de ser algo exagerado para um chá. — As suas faces foram tomadas por um belo enrubescimento.

— Já sabe como são os Americanos. Pelamo-nos por um bom colar de joias — comentou jovialmente Rose.

As duas mulheres mantiveram expressões polidas enquanto a piada assentava atabalhoadamente. Rose esquecia-se sempre da diferença entre o humor inglês e o humor americano e que caía mal, mesmo na brincadeira, qualquer referência a riqueza.

Mas Rose *realmente* adorava joias. Belos conjuntos — pulseiras, brincos, colares, travessas, broches, anéis, tudo o que pudesse ser feito de ouro e cintilar sob uma luz do sol imaculada. O paizinho mimara-a com joias quando ela vivera em Manhattan. Embora um cofre de joias nunca impressionasse um Vanderbilt ou espantasse um Astor. Mas fizeram-na feliz.

Agora, não havia joias. Em vez disso, a residência citadina da família Wharton na Grosvenor Square fora melhorada para um estado apresentável, já não sendo a carapaça fatigada a desintegrar-se com que se deparara ao chegar. Pelo menos nessa matéria a riqueza do pai fora bem usada.

E ela fora genuinamente feliz com Theodore. Pelo menos, nesses primeiros tempos.

Para abrilhantar a sua riqueza americana com um título britânico, a mãe teria preferido que Rose casasse com um conde em vez do irmão mais novo de um conde. Mas Theodore revelara-se irresistível. Desde a forma encantadora como soerguia o canto direito da boca ao sorrir, até à forma como fazia com que ela sentisse, pela primeira vez, que pertencia a alguém.

Antes que regressasse essa dor de coração já bem conhecida, o mordomo voltou a entrar pela porta aberta. Ela percebeu de repente que a porta nunca fora fechada depois de ela entrar.

Que estranho.

Pelos vistos, Lady Duxbury tinha uma grande confiança de que o seu pessoal não se punha à escuta do que era dito na sala de estar.

O mordomo era um tipo entroncado com braços tão grossos como presuntos de Natal por baixo das mangas do seu casaco de ombros largos. O nariz ocupava-lhe metade do rosto e inclinava imenso para a direita, como se tivesse sido partido uma boa meia dúzia de vezes. Enquadrava bem com o seu passado, pelo menos, segundo aquilo que a criada de Rose descobrira sobre a criadagem de Lady Duxbury.

O mordomo fora em tempos famoso no circuito de boxe clandestino e, a crer no que corria por aí, estivera a poucos socos de se reformar já sem vida. As criadas dela também tinham sido retiradas de um passado duvidoso, tendo trabalhado numa daquelas fábricas que lançavam para o ar de Londres quantidades medonhas de *smog* preto.

A condessa tinha tendência a contratar entre o proletariado.

A mãe teria ficado chocada de morte se tivesse trabalhadores tão grosseiros ao seu serviço. Contudo, Rose era de uma geração mais progressiva. Não se sentiu escandalizada, apenas fascinada.

— Lady Lavinia Cavendish — anunciou o mordomo, num tom a roçar o snobismo para um homem com um passado indecoroso.

Uma mulher jovem e pequena de cabelo ruivo entrou lentamente na sala, com um ar de quem preferiria estar noutro local qualquer.

— Lady Lavinia. — O tom de Lady Duxbury denotava uma certa surpresa.

— Convidou a minha mãe. — A estatura pequena de Lady Lavinia retesou-se e pigarreou antes de voltar a falar. — Ela achou que eu beneficiaria mais do que ela.

O volume da sua voz branda era quase inaudível e Rose teve de se inclinar para a frente para apanhar o que ela dizia.

— É um prazer tê-la connosco. — Lady Duxbury convidou-a a juntar-se às restantes e fez as devidas apresentações.

Abateu-se o silêncio sobre a pequena reunião, preenchido por perguntas não proferidas. Rose mostrara-se irremediavelmente curiosa desde que recebera o convite, escondido pela sua criada na gaveta do seu toucador.

Já tinham decorrido quase seis meses desde a última vez que lhe fora permitido ler o que lhe apetecia. Após uma vida de liberdade, sentia-se agora um pássaro numa gaiola dourada. Uma pela qual pagara.

Como desejava deixar-se levar por uma história, permitir que o seu coração se fundisse com o de uma personagem, testemunhar apuros resolvidos no último capítulo. Mas, mais do que prazer, ansiava por uma ligação, por não se sentir sempre tão sozinha.

Um gato preto e branco entrou na sala a gingar e abeirou-se de uma grande jarra quadrada colocada no chão que fora deixada vazia. Uma opção estranha, até ele se enfiar lá dentro e encaixar as patas no peito. Feliz como uma perdiz, através do vidro fitou o exterior sem pestanejar os olhos verdes, com as manchas no seu focinho a imitarem um pequeno bigode branco.

— Oh, ignorem o *Otis* — implorou Lady Duxbury. — É extremamente tímido. A única forma de lhe mitigar o desconforto junto de outras pessoas é com aquela jarra, onde acha que vos vê sem ser visto.

Rose nem tentou disfarçar o sorriso quando todas desviaram de pronto o olhar. O seu próprio *pug* tinha as suas excentricidades a que ela depressa atendia.

Lady Duxbury espreitou para o relógio grande com o pêndulo metálico que balançava incessantemente por detrás de uma porta de cristal.

— Há uma outra pessoa a quem estendi o convite. Creio que ela não se juntará a nós. — O seu tom revelou uma certa desilusão.

A criada entrou com uma grande bandeja de chá, que pousou sobre a mesinha baixa entre as mulheres. A toalha tinha um belo rendilhado de cenoura-brava e hachuras cruzadas de urze púrpura bordadas em redor do rebordo arredondado. Lady Duxbury serviu chá a todas enquanto a criada regressava com outra bandeja com um grande sortido de bolos, assim como scones e pães.

As mulheres sorriram timidamente umas às outras ao chegarem-se à mesa com o chá. Rose observou o que havia para comer, hesitando na escolha. Não tinha comido nada em todo o dia. Ainda sentia o estômago às voltas, mas pegou num bolo de

mel em forma de rosa e numa fatia de pão branco, que barrou com compota de um delicado frasco de vidro veneziano.

— Estava ansiosa por este chá — comentou Rose quando regressaram aos seus lugares. — O que a levou a convidar-nos?

Lady Duxbury endireitou-se mais na cadeira, como se se pusesse em sentido ao dirigir-se a elas.

— Sabem, a minha criada contou-me que os vossos maridos... — Lady Duxbury anuiu educadamente na direção de Lady Lavinia — e pai restringem o que leem. Por norma, quando são restringidos os livros a uma mulher, também o são outros aspetos da sua vida. Tais restrições podem levar uma mulher a sentir-se completamente só.

A Sra. Clarke baixou o olhar para o colo onde a sua fatia de bolo de sementes permaneceu intocada. Mas Rose manteve a cabeça direita apesar da forma como ressoaram as palavras dentro dela. Não iria deixar-se esmagar sob o jugo de Theodore.

— Como referi, sou dona de uma vasta biblioteca. — Lady Duxbury afastou distraidamente a chávena e o pires. — A dada altura na minha vida assumi que seria impossível possuir tal luxo. Estes livros foram escolhidos por mim, cada aquisição ditada pelo meu coração. Mas tal oferta não deve ser mantida fora do alcance de terceiros. Alimento a esperança de que aproveitem quaisquer livros que vos despertem interesse. E que possamos discutir o que lemos. Enquanto amigas.

Amigas.

Rose sentiu um anseio a formar-se no peito, empurrado de um lugar de vazio, de solidão. Bebeu de pronto um gole de chá, desviando intencionalmente o olhar das outras. Não por vergonha ou remorso, mas para não as fitar com a intensidade do seu desespero.

Já lá ia uma eternidade desde que tivera verdadeiras amigas, antes de ter vindo para Inglaterra para ser mulher de Theodore e até antes da insistência da mãe para que voassem mais alto do que o dinheiro novo que lhes enchia os cofres. A mãe empurrara Rose

para os Vanderbilts, os Astors e outro «dinheiro velho» da América, lançando-a nas franjas desoladoras da Sociedade. Antes das ambições da mãe, a infância de Rose fora preenchida com amigas da escola feminina de Manhattan, financiada com «dinheiro novo», onde não havia preconceitos com a idade das contas bancárias. Nesses preciosos dias, havia riso, diversão e alegria genuínos.

Por uns tempos, Theodore preencheria o vazio deixado pela solidão quando as rainhas da Sociedade nova-iorquina rejeitaram Rose e a sua família. Num mundo de puzzles cuja peças nunca pareciam condizer com as suas bordas irregulares, ele encaixou bem, deixando-a a sentir-se completa.

Só que isso fora antes.

— Vivemos num mundo em que os homens exercem um grande poder sobre nós. — A veemência na voz de Lady Duxbury despertou de novo a atenção de Rose para a jovem viúva. — Como é evidente, não pretendo com isto dizer que todos os homens são miseráveis. — Lady Duxbury tocou no estranho broche com o cabelo guardado, pousando os dedos ao jeito de uma carícia. — Mas também nem todos são bons. Não quer dizer que as mulheres sejam mais agradáveis, em especial quando as percepções de umas e outras são tantas vezes distorcidas pelos ciúmes e pelo receio de se sentirem inadequadas.

Rose sentiu as faces a arder ao recordar a sua anterior avaliação da Sra. Clarke.

— Não conhecemos as vidas de umas e outras — prosseguiu Lady Duxbury. — Gostaria de mudar isso.

— Amizade — disse Rose em voz alta —, seria algo pelo qual me sentiria grata. — Todos os olhares incidiram nela. O peso da atenção conjunta revelou-se demasiado intenso e desconfortável. Riu-se de si própria, mas pareceu-lhe a atitude errada. — O facto de ser americana levou a que me sentisse muito desconfortável em Inglaterra. Sou considerada demasiado ousada, demasiado espalhafatosa, demasiado ansiosa por dizer o que me vai na cabeça.

Assim que largou aquela declaração percebeu que repetira exatamente as palavras de Theodore.

A união deles nem sempre foi tão divergente, tão despedaçada.

Pelo menos enquanto ele não passava de um mero irmão de um conde, quando a ideia de passar a conde era praticamente impossível dado que o irmão era apenas um ano mais velho do que ele e vendia saúde. Só que isso foi antes de os pulmões do conde serem infetados por venenos cancerígenos, antes da perspectiva inevitável de Rose se tornar uma condessa inglesa.

Agora, tudo o que fazia dela americana era inaceitável aos olhos do cunhado. E, subsequentemente, aos olhos de Theodore. Ela tinha de ser perfeita. Mais discreta. Mais inglesa.

Mais como a Sra. Clarke.

E nada como ela própria.

As expressões das mulheres após a admissão dela não foram, ao contrário do que esperara, de plácido desinteresse. Transbordaram de compaixão e levaram a que se intensificasse nela a fome de amizade.

— Temos todo o gosto em acolhê-la — afirmou Lady Duxbury com um fervor que alimentou a ânsia de Rose por aceitação. — É um prazer tê-la entre nós.

Rose mordiscou delicadamente o pão, deliciando-se com a doçura da compota de morango, e esperou que Lady Duxbury estivesse a ser sincera. Não apenas nas boas-vindas, mas no desejo de que todas se tornassem verdadeiras amigas.

CORDIALMENTE, CONVIDAMO-LA PARA A SOCIEDADE SECRETA DOS LIVROS

LONDRES, 1895.

Reféns de casamentos opressivos e expectativas sociais, três mulheres recebem um convite misterioso para se juntarem à solitária Lady Duxbury à hora do chá. Por detrás da fachada elegante de um encontro social, no entanto, esconde-se um clube secreto dedicado aos livros — um refúgio onde estas mulheres podem descobrir a liberdade, a solidariedade feminina e a coragem para reescrever as suas histórias.

Eleanor Clarke, uma mãe dedicada que vive sufocada pela tirania do marido; Rose Wharton, uma abastada herdeira americana que luta por se adaptar à posição de esposa aristocrática; Lavinia Cavendish, uma jovem aspirante a artista assombrada por um perigoso segredo de família: três mulheres que se juntam à enigmática Lady Duxbury, por três vezes viúva, e cujas mortes dos maridos originaram boatos de homicídio.

À medida que o grupo forma amizades profundas, vêm ao de cima segredos sobre os seus casamentos, os seus passados e os riscos que serão obrigadas a enfrentar. A coragem é a única arma que terão disponível contra o mundo repressivo que as mantém silenciadas; porém, quando os segredos são mortíferos, basta um passo em falso para que possam perder tudo o que têm.

**«Um romance encantador que retrata
a vida opressiva de quatro mulheres vitorianas
e a determinação de uma delas em libertá-las.»**

HISTORICAL NOVEL SOCIETY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-598-4



9 789895 895984